

Revolução
PARAÍSO

PAULO M. MORAIS

Um semanário de arromba

Quem não os conhecesse e os visse passearem de braço dado pela imundície das ruas dos bares do Cais do Sodré poderia pensar, mesmo sem vislumbrar ares efeminados, que aquele par de velhos janotas andava amantizado. E talvez tivesse alguma razão, pois Adamantino Teopisto e César Precatado, em boa verdade, dedicavam-se a cultivar os mesmos amores. Quando passavam pela grande praça ao largo da estação de comboios, os dois amigos tinham o hábito de saudar a estátua do Duque da Ribeira. Batiam uma continência irónica ao herói da «Libertação de Lisboa» e sorriam um para o outro, como namorados que partilham um segredo só deles. No lugar daquela estátua aprumada, prefeririam encontrar uma figura trajada de dandy – cartola alta, bengala na mão enluvada, monóculo com corrente de ouro –, com o bigode de pontas reviradas para cima. Se possível, o homem chique viajaria repimpado numa tipoia. Mas face aos recentes acontecimentos de 25 de Abril, o mais certo era o Duque ser substituído por uma homenagem aos militares que haviam engendrado o golpe militar, esculpidos nas suas horríveis fardas de camuflado e inestéticas botifarras pretas. Ou talvez a praça ficasse inalterada, numa cristalização do passado adequada aos brandos costumes lusitanos. Vendo bem, os poucos dias de liberdade democrática ainda não tinham provocado mudanças

nos quarteirões que Adamantino e César percorriam para esmoer as suas almoçadas. As prostitutas do Cais do Sodré e São Paulo continuavam as mesmas; a clientela típica também.

Por mais informados que estivessem, por mais esperançosos que se mantivessem, nenhum deles acreditava que ainda viria a conhecer um Portugal democrático. Tinham aportado em Lisboa já no consulado de Marcelo Caetano mas a apregoada «primavera marcelista» mantivera-se fugidia e ilusória. Foi então que um bando de capitães, sem vislumbrar sinais de uma transição suave, arregaçou as mangas e assumiu o destino da nação. Feita a revolução, mesmo se a fauna e o lixo das ruas do Cais do Sodré permanecessem iguais ao tempo da ditadura, pairava um aroma diferente na atmosfera. O 25 de Abril escancarara as portas da liberdade ao país e implantara, de modo abrupto, um novo paraíso no cantinho da Europa. Por ironia do destino, Adamantino e César viam-se no meio do turbilhão, a partilharem toda aquela alegria convulsa como um par de adolescentes deslumbrados com a primeira visita a um bordel. Enleados numa excitação primaveril, parecia-lhes impossível a hipótese de se voltarem a zangar com gravidade.

Adamantino Teopisto e César Precatado adoravam-se e odiavam-se como só acontece nas amizades extraordinárias. Facilmente evoluíam do elogio à injúria, do gracejo ao amuo, do companheirismo ao distanciamento. Mas, no fim, havia sempre um retorno como se as suas almas e existências terrenas fossem inseparáveis. Vinha de Moçambique a instituição, fácil e veloz, daquela intimidade enlaçada por referências e citações retiradas das obras de Eça de Queiroz. A camaradagem entre os dois chegava a ofender quem ocupava o mesmo espaço; eles consideravam-se de uma dimensão superior, com direito de admissão reservado apenas aos detentores da senha. Mas se havia realmente senha, mais ninguém a conhecia. Frequentemente, as conversas entre Adamantino e César acabavam em brindes e exultações, assinaladas com gritos de «hurra!», face à conivência de ideias e à partilha de crenças. Igualmente casmurros, também prodigalizavam em arrelias. Ao encontrarem um assunto separatista, entrincheiravam-se em frentes de batalha opostas. A primeira fase da ofensiva costumava ser cavalheiresca,

por apreciarem o confronto ideológico feito com as armas da argumentação. Porém, o debate honrado facilmente descambava numa guerra desenfreada, onde os excessos de linguagem eram arremesados como obuses. Adamantino, mais fervoroso, enfurecia-se com a aparente calma de César; o revisor raramente desatava a expressão estática do rosto. Mas qualquer um deles, ao seu estilo, era capaz de libertar uma saraivada de impropérios antiquados. Para o observador neutro, os estragos provocados pelas disputas surgiam insanáveis.

Certo dia, em Moçambique, os trabalhadores da Tipografia Gazela tinham presenciado o que julgaram ser o ponto final daquela amizade quando Adamantino, de pescoço e faces avermelhadas, vociferara:

– César, és um grandessíssimo pulha! E digo-o com todo o respeito que me é possível ter-te neste momento.

O revisor contorcera-se na cadeira, retirara os óculos de massa e soprara os vidros grossos. Depois limpou as lentes e levantara-se. Antes de sair porta fora, respondera ao despautério do amigo:

– Muito grave, Adamantino. Excessivamente grave.

César empregava aquela citação específica de *Os Maias* para assinalar um parágrafo na discussão. Através daquelas palavras romanescas, clarificava que não voltaria a abordar o tema ou, inclusive, que jamais tornaria a falar à pessoa em causa. No dia seguinte à desavença, o revisor comparecera com pontualidade ao trabalho e, para sublinhar a incompatibilização, não dirigiu a palavra a Adamantino. Sucederam-se dias iguais que delapidaram a amizade e a cordialidade. Ambos comunicavam por recados, enviados pelos emissários Adão, o linotipista, ou Deodete, a secretária, envolvidos involuntariamente num joguinho de poder territorial e emocional. Quando o afastamento parecia eternizar-se, numa manhã lá encontraram os dois amigos a dormirem de cabeças espojadas na mesa comunitária, entre beatas de cigarros e garrafas de genebra vazias. Aquela imagem de compadrio alcoolizado sinalizava que a teima passara. E o mundo de Adamantino e César voltou a girar como antes, apartando dele todos os que desconheciam a palavra-passe.

O golpe do 25 de Abril viera sublimar esta amizade já tão forte, esbatendo até ao quase esquecimento a memória da que ficou conhecida como «grande crise africana». Os velhos amigos viviam agora em lua-de-mel, irmanados num projeto editorial lavrado a meias em longas noites. Após mais uma jornada de trabalho, saíram os dois para a rua, apertados um ao outro apesar do sol do meio-dia. A caloraça, inusitada para abril, solicitava refúgio num café à mão de semear mas o Salva Vidas, no passeio oposto ao portão da tipografia Gazela Atlântica, nunca fora porto de abrigo: a vizinhança contígua impedia que se soltassem as línguas em assuntos íntimos. César e Adamantino enfrentaram com agrado a torreira que lhes recordava as vivências adocicadas dos anos passados em Moçambique e no Brasil. Ensonados, ignoraram a Adega dos Canários à esquina, atravessaram a estrada, passaram rente à casa de aprestos marítimos e à loja de roupas de senhora, e entraram na taberna do Inocêncio, mais conhecida por Toca das Gatas. Saudaram afetuosamente o proprietário e a esposa Hermínia. Sentaram-se nos lugares cativos, ao fundo do estabelecimento alongado, de onde podiam seguir o que se passava nas restantes mesas, no balcão e no exterior. Pediram duas bicas. Inocêncio, orgulhoso, tirou os cafés na sua máquina nova. O aparelho da marca Astoria, pintado de vermelho vivo, fora oferecido por Adamantino; um «investimento» para que ali se pudesse beber um café de qualidade.

César remexeu o açúcar na chávena e iniciou o debate em redor do projeto que os juntava umbilicalmente: o semanário *Revista de Portugal*. Mostrava-se preocupado com o tempo de permeio entre as edições. Esperar uma semana inteira para publicar novo número, com tanto assunto de monta a surgir diariamente? A única possibilidade de a *Revista* constituir uma voz ativa passava por incluir cachas jornalísticas inéditas. Mas, na sua opinião, seria impossível obtê-las através de Viriato, chefe de redação; faltava-lhe um punhado de contactos privilegiados na agenda, já para não falar da escrita débil.

– O teu sobrinho anda à deriva no redemoinho de acontecimentos – expôs César. – A cabeça dele não consegue acompanhar a guerra de ideologias, os jogos de bastidores... E ainda temos o

problema de sairmos sem fotografias. Bem sabes que uma imagem vale por mil palavras.

– Já te disse que não posso mexer no Viriato – respondeu Adamantino. – Dei-lhe a minha palavra de honra, e as promessas familiares, ainda mais do que as restantes, são para cumprir. Está fora de questão cortar-lhe agora a vaza. Até porque nem o acho assim tão mau. Com as minhas orientações gerais, mais a tua revisão cuidadosa... Acredito que ele melhorará, que vamos ser lidos, que a nossa opinião será levada em conta. Esqueceste-te de como a nossa aventura começou?

César lembrava-se, mas a locomotiva das recordações já entrara em marcha voraz. Adamantino sofrera uma trombose que lhe paralisara a face esquerda. Falava com a maçã do rosto retesada e o sobrolho semicerrado. Encaixava o cachimbo no canto da boca, tentando disfarçar a imobilidade parcial dos lábios. O vigor dos gestos manuais, todavia, permanecia intacto. Apesar da voz algo arrastada, não perdera o dom de empolgar e contagiar quem o escutava. Subjugado por aquela força da natureza, César conformou-se em mastigar rodela de salpicão enquanto o amigo recordava os tempos áureos. Fora em Moçambique, no rescaldo da Segunda Guerra Mundial, que Teopisto instalara a Tipografia Gazela. Inspirado pela eficácia da propaganda nazi, encomendara uma máquina moderníssima, da marca Linotype, aproveitando a abastada fortuna do pai, proprietário de plantações de sisal e coqueiros.

A chegada do linótipo a Lourenço Marques fora notícia na imprensa. O porto repleto de curiosos, a grua aflita para retirar o mostrengo do porão do barco, o transporte com direito a batedores como se fosse um estadista de visita à colónia. O pai de Adamantino viu-se obrigado a mandar construir um pré-fabricado para abrigar a máquina gigantone. E teve de vir da África do Sul um especialista para ensinar a operar e arranjar o linótipo.

– Sabes que o Adão levou um mês para aprender a manobrar a bichana? – lembrou Adamantino. – Ele estava verdinho, verdinho. Pudera, tinha 17 anos. Teve a felicidade de o meu pai jogar-lhe a mão. Passou-me o rapaz como se fosse um escravo, dizendo-me

que tinha ali um aprendiz à disposição. Fazia lá ideia que ele ainda estaria comigo passados quase 30 anos!

– E nós iremos em quantos? – questionou César. – Dezassete?

– Parece-me que já são vinte anos de franca amizade. Mas conosco é diferente. A ele até tive de ensinar inglês básico para que entendesse o técnico sul-africano. Máquina complexa aquela, não é só carregar nas teclas; é preciso saber de mecânica, que peças arranjar quando ela emperra. Eu na altura já não podia fazer de intérprete a tempo inteiro. Estava ocupado a acumular fortuna com a publicidade, os folhetos disto e daquilo, as negociatas com os departamentos estatais. Não faltava a um convite para os banquetes dados pelos figurões lá do sítio. Ganhei muita encomenda de trabalho, entre garfadas de lagosta. O dinheiro entrava a jorros. A fama aumentou e a concorrência ficou invejosa...

– E então veio a denúncia, não foi senhor Adamantino? – alvitrou Inocêncio, a tentar meter a colherada na história que já ouvira umas quantas vezes.

– Pior que denúncia! Os patifes puseram a circular rumores de que eu estava do lado dos rebeldes, a imprimir propaganda comunista com apelos à liberdade da colónia. Bem refutei as acusações junto dos meus conhecidos, mas os inimigos tinham robustez entre as gentes influentes. Até o meu pai se manteve afastado da turbulência, temeroso de que se virassem contra ele. Aconselhou-me asilo no Brasil e passou-me um cheque generoso para recomeçar vida noutra continente. Nunca me esqueço que aqui o César, mais a Deodete e o Adão, se manteve ao meu lado. Mas a verdade é que parti sem convicção e sem vontade.

– E depois aqueles meses terríveis, à espera das máquinas para restabelecer a tipografia... – atalhou César, de olhos reluzentes, esquecido de que começara por fazer um favor de amigo ao escutar o desabafo.

– Os pulhas retiveram a maquinaria no porto. Quatro meses e meio impedida de embarcar!

– Estava escrito que nada seria igual – disse César, a voz subitamente embaçada.

– Que querias? – continuou Adamantino, redobrando o vigor das palavras. – Tens de convir que era impossível sermos bem-sucedidos naquele antro onde a língua portuguesa é tão maltratada! Aterrorizar em São Paulo, um amontoado de betão, quase mais sufocante do que a ditadura militar. Fizemos bem em fugir para o Rio de Janeiro, mas a falta de contactos privilegiados que comissionassem trabalhos à Tipografia Atlântica... Por isso entenderás que também não deve ser fácil para o Viriato...

– A mim não me continuaste a dar trabalho por caridade, pois não?

– Deixa-te de lérias, César. É certo que recomeçámos, sobrevivemos, mas nunca como em África. É por isso que esta também é a nossa oportunidade, mesmo que sustentada por um capricho do meu sobrinho.

– Só um imbecil julga que ser arquivista num jornal é sinónimo de ser jornalista.

– Esses tempos em que lá trabalhou deram-lhe alguma cultura, não negarás.

– Os textos que me entregou não refletem a tua afirmação – considerou César.

– Já te disse que ele vai melhorar. Tens de encarar isto pela positiva. Quando o meu pai me escreveu a dizer que a minha mãe morrera, que vendera as propriedades de Moçambique e estava de malas aviadas para casa da minha irmã na metrópole... jamais poderia imaginar este desfecho. Nós aqui em Lisboa, ainda juntos, com o país livre da ditadura, à frente de um semanário...

Adamantino estava determinado em desenrolar o resto da história. O tema Viriato, por ser combate perdido à partida, abortava a vontade de César contra-argumentar. Remeteu-se, por isso, à condição de espectador. Aí vinha novamente o fado do coitadinho, o trintão a viver em casa da mãe, a receber de braços abertos o avô enviuvado e rico. Viriato já devia estar a esfregar as mãos de contentamento, a pensar na herança, quando o destino lhe pregou uma partida cruel: a mãe faleceu num acidente de trabalho e ele ficou com o avô a cargo. Recém-regressado de África, o pai de Adamantino via-se sem esposa, sem filha, de relações cortadas com o filho

que desterrara para o Brasil. Solitário e deslocado, aos cuidados de um neto desconhecido, o velhote deixara-se ir numa morte lenta. Os ventos da «primavera marcelista» associaram-se ao falecimento do pai e convenceram Adamantino a mudar-se para Lisboa, na companhia do seu séquito inseparável.

Recém-instalado em Lisboa, Adamantino recebeu por inteiro a herança paternal. Viriato ficou a ver navios; não lhe coube um tostão por ser filho ilegítimo, fruto da união nunca consagrada entre a mãe e um mulato. Em Moçambique, a revelação da gravidez fora um escândalo e merecera, por parte do patriarca Teopisto, a assinatura de um cheque com vista a recambiar o par enamorado. Em Lisboa, o bebé Viriato saiu ao lado da mãe, sortilégio que o distanciou do pai, que arranjava trabalho nos estaleiros da Setenave. Mas era essa pigmentação branca que ajudava a preservar a dívida moral sentida pelo tio Adamantino.

Contrariando a sua própria tradição paternal, Adamantino nunca passou cheques para as mãos do sobrinho, a fim de saldar compromissos de honra. Desconfiava que o dinheiro seria gasto em mulheres, em bebida, no jogo, noutra vício qualquer. Mais cedo ou mais tarde, Viriato bateria de novo à sua porta, testando-lhe a consciência pesada. A solução passou por empregá-lo na tipografia, num posto fantasma de redator. Dobrara-lhe o ordenado em relação ao auferido no anterior emprego de arquivista num jornal diário. Assegurava ao sobrinho que o salário avantajado não era uma esmola, antes se devia ao mérito dos textos que volta e meia lhe pedia para escrever. Fora Adamantino o sementeiro da ambição redatorial de Viriato, manifestada com veemência desde o despontar da revolução. O sobrinho queria, desse por onde desse, ser jornalista e participar na construção da nação renovada.

– Portanto, mesmo que desgostes do teor dos artigos, da falta de eloquência, exijo-te que trates a questão com pinças – disse Adamantino, num tom cavo e conclusivo. – Trata-se de um assunto delicado de família, com ramificações e obrigações complexas.

César concentrou-se na tinta vermelha da máquina de café. Sentiu-se prestes a explodir, a colocar os pontos nos Is, a levantar-se agastado e virar as costas a Adamantino. Desviou o olhar até

Hermínia que lavava copos na pia de mármore. Acalmou-se e respondeu num tom pausado que tentaria cumprir a ordem, por atenção à amizade que os unia.

– Mas com um limite – disse César de indicador em riste. – Ele que não coloque em causa as regras do bom português. E jamais me peças para deixar passar idiotices ou mariquices *à la* Camilo. Isso nunca. Pela honra do Eça!

* * *

Poucos pensariam que uma música, travestida de senha militar, poderia mudar o rumo de um País. Adão suspendeu as batidas vorazes nas teclas e apanhou o molde, já arrefecido do banho a metal. Com o dedo indicador a acompanhar cada sílaba, soletrou a frase que digitara nervosamente. Emocionado, considerou que os caracteres Helvetica assentavam lindamente às palavras. Reconfirmou a inexistência de erros e prosseguiu para a composição da segunda linha. Uma infinidade de braços metálicos, rodas dentadas, pinças e rolos gerou um turbilhão de ruído. O maquinário ensurdecido da Linotype, modelo 25, extravasou as divisórias de contraplacado e vidro fosco, enchendo o piso térreo da tipografia. Adão ritmou a digitação das 72 teclas, qual pianista clássico a atingir o momento mais intenso da partitura. Lia as palavras rabiscadas por Viriato numa folha de papel pautado sem reter o significado da frase. Soavam-lhe eivadas de um espírito poético; havia ali uma certa melodia que ajudava à aceleração do trabalho.

Aparentemente, a dança do operador com o complexo teclado continuara ausente de erros. A confirmar-se, era acontecimento raríssimo. O linotipista esperou alvoroçado que o engenho cuspsse a derradeira barra de caracteres cobertos a chumbo. Enfileirou o conjunto de moldes e encaixou-os numa estrutura de metal. Conferiu o ordenamento das colunas e apertou as trancas. Martelou as linhas com um maço de madeira, nivelando os caracteres, e ouviu um «hurra!» vindo do exterior da cabina. Malhou com maior intensidade, pousou o maço e pegou na chave de ferro para apertar a moldura. «Estas já não caem», pensou, ao conquistar o último

milímetro aos ferrolhos. Levantou-se e girou a maçaneta da porta; deu-lhe um pontapé, fazendo-a deslizar, e saiu de bandeja entre mãos. Parecia um padeiro com uma fornada de carcaças acabadinhas de cozer.

– Aqui está o teste da primeira página... – disse Adão, solenemente.

A audiência que o esperava eclodiu num mar de palmas que dispersou a densa nuvem de fumo de tabaco.

– Calma! A procissão ainda vai no adro! – clamou César, silenciando os gritos de festejo. – Passa lá isso ao Manuel, para eu ver quantos erros fizeste nesse lindo serviço.

Na Tipografia Gazela Atlântica era tradição que os primeiros testes de publicações especiais se efetuassem na grande impressora, e não no rolo manual de pré-impressão. Adão deslocou-se até à máquina, seguido por um punhado de gente entusiasmada, e passou a moldura para o chefe-impressor. Com destreza, Manuel Ginja encaixou-a na velhinha Heidelberg Minerva e depositou um A3 branco na superfície basculante. O contacto entre folha e tinta foi quase instantâneo. Manuel Ginja retirou com rapidez o papel impresso e depositou-o na mesa comunitária da tipografia.

– Deixem-me trabalhar sossegado. Chispa! – disse César à assistência em redor.

O revisor acendeu um cigarro, deu uma baforada e pousou-o no cinzeiro. Destapou a esferográfica de tinta vermelha, desejoso de a utilizar. Não encontrou nada nos caracteres negros que pudesse riscar. Reiniciou a leitura na manchete, passou para o corpo do texto, terminou a inspeção com o mesmo resultado. Nem sequer um espaço em falta para poder sinalizá-lo com um cardinal. A primeira página do novo jornal estava irrepreensível.

– Senhor diretor... pode mandar imprimir – disse César para o séquito espedado atrás dele. Aclarou a garganta para o anúncio que superou, facilmente, a imponência prévia de Adão: – *A Revista de Portugal* está em marcha!

Distribuíram-se felicitações e abraços no rés-do-chão da travessa dos Remolares, alumiado por luminárias fluorescentes. O sol brilhava enérgico no exterior mas era incapaz de penetrar naquelas

janelas térreas tapadas por páginas de revistas. Faltavam três horas para a chegada prevista da lua. Ela apareceu redonda, naquela noite de 5 de Maio de 1974, a pratear o portão da tipografia onde Manuel Ginja fabricava o novo semanário. Nesse prenúncio de madrugada, ninguém da Gazela Atlântica recolheu a casa. Adamantino Teopisto, patrão de gráfica e agora diretor de jornal, mostrou compaixão para com os trabalhadores; ao voltar da sua ceia, trouxe um tacho de moelas, um maço de palitos e um molho de guardanapos.

– É atacar, boa gente! O Inocêncio acabou mesmo agora de as fritar. Meteu chouriço do bom, a meu pedido – disse Adamantino.

– Um dia como este tem de ser comemorado! Viriato, diz aí umas palavras, anda.

– Deixe lá isso, tio. Os discursos são para os políticos e eu sou jornalista.

– És jornalista mas isso não te impede de discursar – contrariou Adamantino. – Nem de opinar. Julgas que não li o teu artigo?

– Está a falar de coisas diferentes; não podemos passar ao lado do que se passa nas ruas – esclareceu Viriato, o molho alaranjado já a escorrer do canto da boca. – Agora entre comer as moelas e fazer um discurso para este punhado de camaradas, prefiro empenhar-me no comer. Se quiser discursar você, que já vem mamado do Inocêncio.

– Atenção, não te esqueças de quem és – admoestou Adamantino, franzindo as sobranceiras esbranquiçadas. – Os tropas não fizeram a revolução para que tu possas desrespeitar o familiar que te paga o ordenado e te mete comida no bucho.

Viriato picou mais uma moela e levou-a à boca. Sorveu o pedaço com um barulho arrastado e deu um piparote no palito. O risquinho de madeira sobrevoou a cabeça de Adão e aterrou em cima da folha A3, previamente impressa com o teste ao cabeçalho REVISTA DE PORTUGAL. Uma mancha de gordura atacou o E e o V da palavra inicial. Adão assistiu às maiúsculas esborratarem-se num tom acastanhado. Suspirou, virou costas aos companheiros e desfez-se em passinhos pesarosos até ao cubículo do linótipo. Antes de fechar a porta, ouviu o comentário de César: